

VESTÍGIOS DA MEMÓRIA HISTÓRICA REGIONAL PAULISTA EVIDENCIADOS PELA ARQUEOLOGIA

Neide Barrocá FACCIO*

Juliana Aparecida Rocha LUZ**

Hiuri Marcel Di BACO***

Resumo: O resgate dos materiais evidenciados no Sítio Arqueológico Santa Rosa, localizado no Município de Paulistânia, SP (Brasil), teve por objetivo a obtenção de informações sobre as estruturas de dois fornos de carvão, uma casa de madeira identificada como paiol de milho, materiais construtivos de antiga casa demolida e um alicerce de antiga olaria. Eles foram encontrados na Fazenda do Macaco, também conhecida como Sítio São Jerônimo. A incorporação desse material à memória regional e local é relevante, dadas às características evidenciadas no sítio e as lacunas existentes na memória histórica regional.

Palavras-Chave: Patrimônio; cultural; Arqueologia histórica.

Abstract: The retrieval of the materials evidenced in Santa Rosa Archaeological Site, situated in Paulistânia City, state of São Paulo (Brazil), aimed to obtain information about the structures of two firewood ovens, a wooden house identified as a corn barn, construction materials of an old

* Professora Doutora do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Presidente Prudente, SP. E-mail: nfaccio@terra.com.br

** Professora mestre do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Presidente Prudente, SP. E-mail: juliluzz@yahoo.com.br

*** Pesquisador mestre do Laboratório de arqueologia Guarani, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Presidente Prudente, SP. E-mail: hiuridibaco@gmail.com

demolished house and a groundwork of an old pottery. They were all found on Macaco Farm, also known as São Jerônimo Site. The incorporation of such materials is absolutely valuable to the regional and national memory, given the features evidenced in the site and the historical and regional memory gap.

Key-words: Heritage; Cultural; Historical archaeology.

1 INTRODUÇÃO

O Sítio Arqueológico Santa Rosa encontra-se na zona rural do Município de Paulistânia, SP (Brasil), e está localizado nas coordenadas UTM de Oeste igual a 664050 metros e de Norte igual a 7500850 metros, na Fazenda do Macaco, também conhecida como Sítio São Jerônimo (**Figura 1**).

Durante o trabalho de campo, foram realizadas atividades interventivas no intuito de resgatar informações referentes a dois fornos de carvão, uma estrutura em madeira identificada como paiol de milho, materiais construtivos de antiga habitação demolida e um alicerce de antiga olaria integrantes.

Foram coletados para análise em laboratório, tijolos, telhas, fragmentos de telha, fragmentos de tijolos e um baú. O material arqueológico resgatado durante o trabalho de campo encontra-se sob a guarda do Museu de Arqueologia de Iepê (MAI), Iepê, SP.

Os procedimentos adotados durante a realização da pesquisa tiveram por objetivo a obtenção de informações sobre os processos culturais evidenciados na cultura material contida nos registros arqueológicos, incorporando-os à memória regional e nacional, evitando a perda dessas informações.

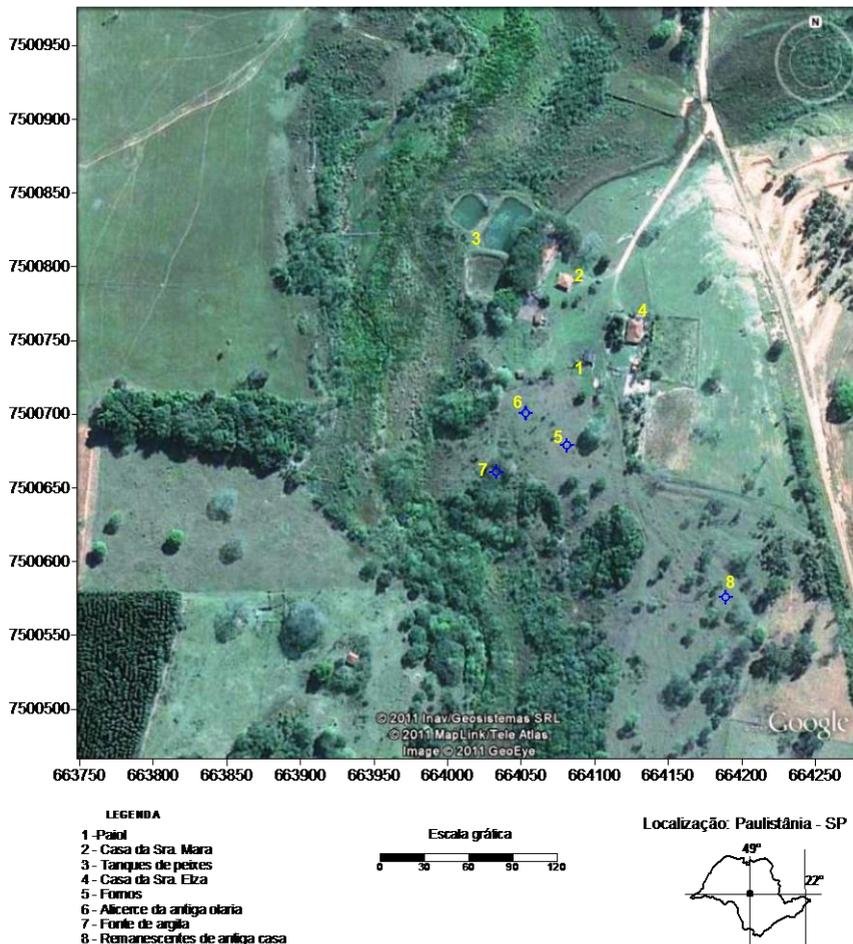


Figura 1: imagem de satélite da paisagem do Sítio Santa Rosa extraída do Google Earth e georreferenciada no software Surfer 8.

Com os resultados foram produzidos textos de divulgação e material didático que serviram para a formação de educadores e dos alunos do ensino fundamental e médio.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para Morais (2006), o sítio arqueológico corresponde à menor unidade de espaço passível de investigação, dotada de objetos intencionalmente produzidos ou rearranjados, que testemunham comportamentos das sociedades do passado. Já segundo Bicho (2006), o conceito de sítio arqueológico estaria vinculado ao local que proporciona um ou mais constituintes arqueológicos, sendo eles: 1- os artefatos que são objetos portáteis ou móveis, transformados e manufaturados pelos homens; 2- as estruturas, como as estruturas de habitat, que foram construídas com muros e agrupamentos de artefatos, os quais, a partir de sua concentração, formam uma unidade arqueológica e 3- os solos antropogênicos que se caracterizam por coloração escura devido à concentração de produtos orgânicos no solo, resultante de atividades humanas.

Para analisar a espacialidade do sítio arqueológico utilizamos três variáveis: 1- os objetos manufaturados; 2- as estruturas e 3- o solo antropogênico. Assim, procuramos mapear e analisar as estruturas presentes na área do sítio, bem como a relação dessas estruturas com o mapeamento e a análise de peças dispersas (BINFORD, 1983).

Para que possamos ter uma interpretação plausível do registro arqueológico, deveremos buscar as respostas para questões do tipo: “O porquê de sua existência. Como o sistema cultural o produziu. Quais variáveis intracultural e intercultural determinaram a estrutura deste registro” (SCHIFFER, 1972, p. 156).

3 O SÍTIO ARQUEOLÓGICO SANTA ROSA

As pesquisas na área do Sítio Arqueológico Santa Rosa foram desenvolvidas pela equipe do Laboratório de Arqueologia Guarani da FCT/UNESP e do Museu de Arqueologia de Iepê, SP.

Durante os trabalhos de prospecção na área, foram evidenciados dois fornos, utilizados para produção de carvão, uma antiga casa, identificada como paiol para armazenar milho e materiais de construção de antiga casa demolida. Durante as atividades de resgate desses materiais e estruturas, evidenciamos, com a ajuda de moradores locais, parte da estrutura de uma antiga olaria que funcionava na área do

Sítio Santa Rosa. Nessa olaria, produziram-se tijolos e telhas que foram utilizadas para cobrir o paiol e outras casas na fazenda. Além de ser utilizado para construção de casa na fazenda, esse material também era produzido para venda.

Nesse contexto, realizamos sondagens dentro do paiol, na área dos dois fornos, no local onde foram encontrados os materiais construtivos de antiga casa demolida e na estrutura de olaria. No paiol, também realizamos uma trincheira. Iniciamos as atividades no Sítio Santa Rosa, com o objetivo de entender a função dos fornos e da casa de madeira, bem como o significado do conjunto de telhas de barro que foram evidenciadas na área. Dessa forma, o trabalho concentrou-se no entorno desses remanescentes.

Iniciamos as intervenções na área ao redor do paiol, com a retirada da cobertura vegetal, de modo a permitir uma melhor visualização da área do entorno, com vistas a investigar a presença de possíveis remanescentes na superfície do solo.

Ao terminarmos o trabalho de remoção da cobertura vegetal, evidenciamos alguns fragmentos de telhas, tijolos, uma marreta sem cabo, frascos de vidros e peças de arado de tração animal na superfície ao redor do paiol. No local de maior concentração de material, abrimos uma área de decapagem (**Foto 1**).



Foto 1: Área de decapagem realizada no local de concentração de materiais encontrados em superfície.

Assim, começamos a escavar por níveis artificiais de 10 em 10 centímetros.

No primeiro nível (0 a 10 centímetros), o número de materiais encontrados foi maior que nos demais. No segundo nível (10 a 20) encontramos poucos fragmentos de tijolos, telhas e de frascos de vidro de vacina animal (gado). Por fim, o terceiro nível (20 a 30) não apresentou remanescentes arqueológicos.

Esse procedimento foi acompanhado do registro preciso da escavação e das posições dos materiais arqueológicos encontrados por meio da amarração desses elementos que compõem o Sítio Arqueológico Santa Rosa, no Sistema de Posicionamento Global, utilizando as coordenadas Universal Transversa de Mercator (UTM).

Com base em Morais (2006), procuramos registrar todo o trabalho por meio do georreferenciamento preciso dos materiais arqueológicos, dispostos no Sítio Arqueológico Santa Rosa.

3.1 Estruturas Pesquisadas

3.1.1 Fornos de Carvão

Os fornos foram construídos no começo do ano de 2000 para produzir carvão vegetal, porém essa atividade não prosperou devido às dificuldades em se conseguir a licença ambiental para a realização de tal prática de beneficiamento da lenha.

No interior dos fornos, encontramos apenas remanescentes de carvão vegetal e alguns sacos de fibras poliméricas.

3.1.2 Paiol

O paiol foi construído para armazenar a produção de milho, que era desenvolvida nas terras da propriedade desde o começo da década de 1920.

Essa casa de madeira serviu para armazenar os produtos agrícolas, e também para guardar tijolos e instrumentos utilizados nas atividades agrícolas, como peças de arado e ferramentas.

Na **figura 2**, podemos observar todos os objetos distribuídos dentro do paiol e na trincheira escavada ao lado do paiol.

De acordo com a figura, podemos observar a presença de um recipiente para dar ração a aves, sacos plásticos, peças de arado, sabugos de milho, telhas inteiras e fragmentadas, tijolos inteiros e fragmentados, frascos de vidro, madeiras e um baú. Na trincheira e nos arredores da casa, observamos a presença de fragmentos de tijolo, telha, uma marreta com cabo fragmentado e frascos de vidro. Os fragmentos de vidro constituíam parte de frascos de remédio para gado e testemunham a presença da atividade pecuária que ocorre até hoje.

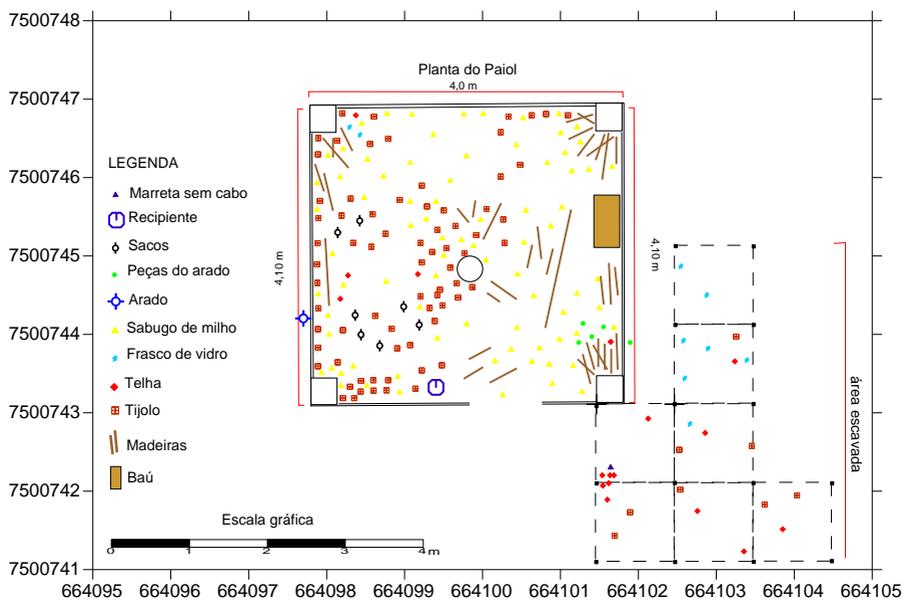


Figura 2: Planta do paiol e croqui da área escavada com os diferentes materiais encontrados no local.

Apresentamos a planta com a distribuição espacial dos objetos tal como encontramos o paiol. No entanto, não coletamos tudo. Optamos por coletar apenas uma amostragem com alguns objetos para análise mais minuciosa, em laboratório, que pudesse fornecer informações relevantes quanto à produção local de telhas e tijolos na olaria e utilização do paiol, para atividades distintas de armazenamento de produtos agrícolas – o milho – e ferramentas como o picotador e a marreta.

Além disso, esse tipo de construção no espaço da propriedade também serviu para guardar as tralhas utilizadas nas atividades cotidianas dos ocupantes do Sítio Santa Rosa durante todo o século XX.

Nessa casa de madeira, encontramos antigos materiais como tijolos, ferramentas e diversas tralhas agrícolas. Por isso, denominamos esse compartimento de paiol, isto é, um tipo de abrigo no qual se guardam e armazenam materiais e produtos agrícolas em geral. Além disso,

encontramos um baú de madeira revestido por uma lamina de latão, decorada com motivos semelhantes a ramos de folhagens.

Segundo relato oral da Senhora Elza, moradora local, o baú pertenceu à sua mãe, a Senhora Mercedes Nunes da Costa, que trouxe dentro desse objeto seu enxoval de casamento, quando se estabeleceu na propriedade, em 1921. Dentro desse baú encontramos, além de ferramentas enferrujadas, uma folha de jornal na qual consta o nome “Diário de São Paulo” e a data de Domingo, 17 de maio de 1936.

3.1.3 Material Construtivo de Antiga Habitação

Segundo relatos do Senhor Manoel, morador do entorno, o material de antiga casa demolida foi evidenciado no local onde desmontaram uma antiga casa de madeira. As telhas foram produzidas na antiga olaria da fazenda.

Nesse local, também retiramos a cobertura vegetal e realizamos uma sondagem para verificar a presença ou não de remanescentes arqueológicos. Encontramos apenas fragmentos de telhas e tijolos nessa prospecção.

Na **foto 2** podemos observar o poço de sondagem, os fragmentos de telhas e o alicerce de madeira da antiga casa.

Segundo relato oral do morador local, Senhor Manoel, 61 anos, esses materiais construtivos faziam parte de uma casa construída com madeira. A madeira e algumas telhas foram reaproveitadas na construção de uma pequena casa, próxima à casa da Senhora Elza.



Fotos 2: Sondagem realizada na área onde foram encontrados os materiais construtivos de antiga casa demolida. Nota-se que no local ainda há um conjunto das telhas que cobriram esse tipo de construção.

3.1.4 Estrutura de Olaria

As telhas e tijolos encontrados no paiol foram confeccionados em molde de madeira e queimados em fornos. No entanto, a olaria foi desmontada e seus tijolos foram utilizados na construção de outras casas, restando somente parte dos seus alicerces. A **foto 3** mostra o remanescente dessa antiga olaria.



Foto 3: Sondagem realizada na área do alicerce da antiga olaria.

A fonte de argila, matéria-prima utilizada para produção de telhas e tijolos, está numa área de terreno plano alagadiço, situado entre vertentes, onde há nascentes, muito próximas da antiga olaria e do paiol.

As unidades arqueológicas e ambientais são, respectivamente, segmentos das paisagens físicas e arqueológicas. Conforme Anschuetz, Wilshusen e Scheick (2001), essas unidades são parâmetros do meio natural e cultural. A unidade arqueológica é um parâmetro do meio cultural, pois, em parte, a variação nessa unidade é resultado das escolhas feitas pelos grupos ou indivíduos, diante das interações com os espaços físicos que eles ocuparam. A unidade ambiental é parâmetro do meio natural. Nessas unidades, as variações ajudam a estruturar as decisões e ações dos grupos.

Na **figura 3**, podemos visualizar a topografia da área do Sítio Santa Rosa e como as pessoas se estabeleceram ao redor desses segmentos físicos da paisagem.

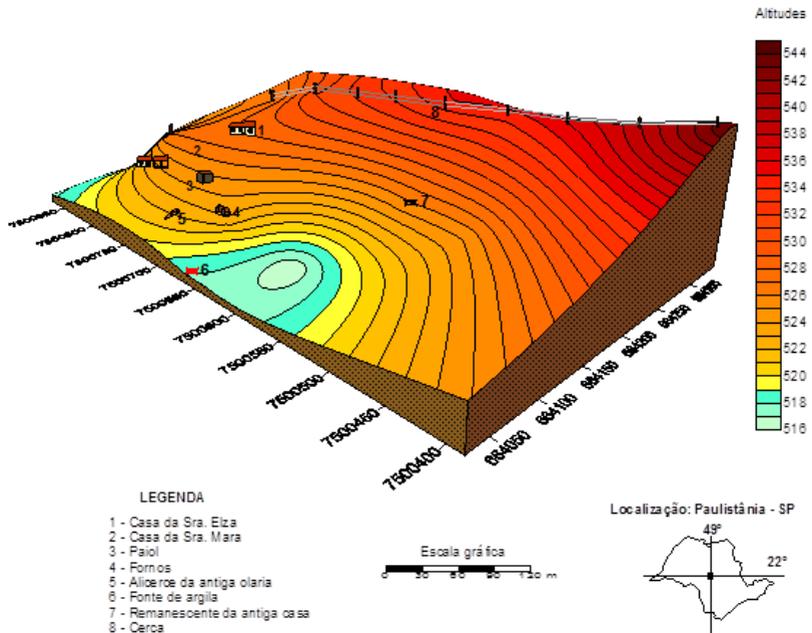


Figura 3: Mapa Topográfico do Sítio Santa Rosa.

Essa representação topográfica da área do Sítio Santa Rosa foi gerada a partir de dados e coordenadas do Sistema de Posicionamento Global (GPS), coletados durante caminhamento em campo. Posteriormente, no laboratório, transferimos essas coordenadas UTM para uma planilha no programa Excel. Em seguida, no software Surfer 8, trabalhamos essas informações construindo uma grade regular de dados. Para tanto, escolhemos o método de interpolação matemático, utilizado para demarcar linhas de isovalores, denominado krigagem (CAPONOGARA et al., 2005).

3.2 A Paisagem do Sítio Santa Rosa

Antes de interpretarmos a paisagem do Sítio Santa Rosa, devemos deixar clara a definição desse conceito que estamos utilizando,

para entender a sua compatibilidade com a prática arqueológica. Anschuetz, Wilshusen e Scheick (2001) sugerem que, se os arqueólogos estão a usar o paradigma da paisagem como um “padrão que conecta” o comportamento humano com lugares e momentos específicos, é necessário, então, estabelecer uma metodologia e uma terminologia comuns para a construção de um paradigma da paisagem na arqueologia, pois não há um entendimento comum do que sejam os estudos da paisagem em arqueologia, nem de como eles deveriam ser.

Para Morais (2006), os estudos da paisagem são os que fornecem os melhores recursos para a pesquisa em arqueologia preventiva, no processo de licenciamento ambiental. O autor estabelece uma metodologia para o reconhecimento de paisagens e terrenos que inclui as extensões desde as menores até as maiores, dos vários compartimentos ambientais. Sua metodologia, além de intervir menos nos registros arqueológicos, pois se utiliza de tecnologias não invasivas dos sítios e locais de interesse arqueológico, geram informações relativas à arqueologia e ao patrimônio arqueológico, pautadas pela qualidade e não pela quantidade.

Sobre o conceito de paisagem, Morais (2006) faz a seguinte afirmação:

[...] o sentido da palavra paisagem varia de acordo com a escala de observação e os critérios de classificação, dependendo do ângulo prioritário da geografia enquanto disciplina do meio físico-biótico e do meio socioeconômico. Todavia, é unânime afirmar que a noção de paisagem está em plena renovação, apontando para a verdadeira ciência da paisagem, ideia bastante comum entre os geógrafos russos. No caso da arqueologia da paisagem, o termo é preferencialmente visto sob a ótica da sociedade, ou seja, a paisagem é construída e continuamente reconstruída pela sociedade em mudança” (MORAIS, 2006, p. 209).

Dessa forma, entendemos que, atualmente em arqueologia, não existe apenas um tipo de abordagem da paisagem, mas várias delas. Sendo assim, quando olhamos para a paisagem cultural e física do Sítio Santa Rosa, podemos ver todos os processos da cadeia operatória, que envolvem os artefatos cerâmicos, como, por exemplo, as telhas e os tijolos. Tivemos a

oportunidade de contar com relatos orais dos ocupantes mais velhos do local. Esses nos mostraram as áreas onde coletavam matérias-primas como a argila e como eram feitos, utilizados e guardados esses objetos. Nota-se, também, que em períodos mais recentes, os descendentes da Senhora Elza e de seu genro passaram a explorar a região da propriedade de maneira diferente daquelas aplicadas no passado.

As atividades econômicas realizadas no assentamento em períodos mais antigos eram tanto voltadas para a subsistência dos indivíduos do sítio como para o comércio de milho, gado e pequenos animais.

A diferença é que, a partir da década de 1990, a produção deixou de ser o cultivo do milho para alimentação das pequenas criações de animais, que forneceriam carnes e leite para os moradores, conforme nos relatou a Senhora Elza. O tipo de relação comercial que no passado existira com a venda de tijolos e telhas produzidos na olaria, mudou para a produção de carvão vegetal nos fornos, surgindo a prestação de serviços voltados para o lazer como, por exemplo, o aproveitamento do afluente que atravessa a propriedade para a construção dos tanques de peixes do pesqueiro.

3.3 Materiais Resgatados

Durante o trabalho de campo, resgatamos materiais que foram levados para o laboratório, a fim de realizarmos uma análise mais minuciosa. A frequência dos materiais resgatados e analisados pode ser observada na **tabela 1**.

Tabela 1: Frequência dos materiais resgatados e analisados do Sítio Santa Maria, Paulistânia, SP.

| Materiais Resgatados | Número |
|-----------------------------|---------------|
| Telha | 2 |
| Fragmento de telha | 22 |

| | |
|--------------|-----------|
| Tijolo | 1 |
| Marreta | 1 |
| Picotador | 1 |
| Total | 27 |

3.3.1 Materiais de Argila

Foram analisadas duas telhas inteiras. As telhas inteiras foram produzidas com argila local, de coloração amarelada. A fonte de matéria-prima foi encontrada nas proximidades da antiga olaria da fazenda. Foram produzidas em molde de madeira.

As telhas inteiras apresentaram as seguintes dimensões: 47 centímetros de comprimento, 1,2 centímetros de espessura e 22,5 centímetros de largura.

A pasta apresenta queima uniforme com presença de pequenos grãos de quartzo no tempero.

As duas telhas não apresentaram marcas ou qualquer tipo de decoração em nenhuma das faces das peças.

Foram analisadas também 22 telhas fragmentadas, as quais apresentaram a metade ou menos da metade da telha. Tal como as telhas inteiras, descritas anteriormente, apresentaram pasta homogênea com tempero de pequenos grãos de quartzo.

O tijolo também foi produzido localmente na antiga olaria da Fazenda do Macaco, com a mesma argila de coloração amarelada, com tempero de pequenos grãos de quartzo e em molde de madeira. Apresentou as seguintes dimensões: 25 centímetros de comprimento; 14 centímetros de largura e 6,4 centímetros de espessura.

Segundo relato oral de moradores da Fazenda do Macaco, a argila era primeiramente amassada, em seguida inserida no molde de madeira e, posteriormente, retirada e deixada secar ao sol. Depois de alguns dias, os tijolos e as telhas eram queimados no forno da olaria.

3.3.2 Materiais de Metal e Madeira

3.3.2.1 Martelo Picotador

O objeto foi encontrado dentro do paiol. Apresenta forma losangular e um orifício no centro da peça.

A parte apresentada constitui a parte ativa do instrumento, utilizado para picotar pedra. No orifício no centro da peça era encaixado um cabo de madeira. Apresenta as seguintes dimensões: 24 centímetros de comprimento; 2,7 centímetros de largura e 3 centímetros de espessura.

3.3.2.2 Marreta

A marreta foi encontrada no interior do paiol. O objeto apresenta parte ativa produzida de metal e parte preensiva fragmentada produzida com madeira. A parte ativa foi utilizada para bater/martelar. Apresenta orifício no centro da peça para encaixe de cabo de madeira fragmentado. O objeto apresenta as seguintes dimensões: 11,5 centímetros de comprimento; 2,7 centímetros de largura 4 centímetros de espessura.

4. BREVE DESCRIÇÃO DA OCUPAÇÃO HISTÓRICA NA REGIÃO NORTE DE SÃO PAULO

O Sítio Santa Rosa está localizado em região de grande potencial arqueológico. Sítios arqueológicos, nessa região, estão sendo estudados sistematicamente há várias décadas e os resultados demonstram vestígios arqueológicos de ocupações pré-históricas e históricas.

No processo de interação do homem com o seu meio natural, a tecnologia atuou como um mecanismo de intermediação, a partir do qual é definido o modo como os homens organizarão os meios materiais e os conhecimentos para explorar os recursos naturais e transformá-los em produtos culturais (SILVA, 2000). Ao mesmo tempo, a cultura material é um

veículo por meio da qual os grupos sociais constroem sua alteridade e expressam mensagens sobre o seu modo de pensar e de viver tratando-se, portanto, de exteriorização material de ideias e conceitos que podem ser decodificados, ou melhor, interpretados segundo o contexto cultural em que se inserem (RIBEIRO, 1987).

Nos sítios históricos, além das cerâmicas e louças, também são comumente evidenciados estruturas de casa, tijolos, telhas e metais, tais como as estruturas e vestígios evidenciados no Sítio Santa Rosa.

Com relação à ocupação histórica, segundo Cobra (1923), o Estado com o fim de colonizar, adotou, a princípio, a divisão do território em grandes porções. O Governo, no entanto, não dispunha de gente para povoar e policiar tantas terras desertas, impedindo que invasores audaciosos as ocupassem e delas se utilizassem. Dessa forma, em 1850, o Poder Público promulgou a Lei 601 de 18 de setembro (COBRA, 1923). De acordo com o autor, tal lei teve por objetivo:

Legalizar apropriações de terras que, embora fossem ilegítimas, se tornaram efetivas (...). A todos quantos possuísem terrenos devolutos, até aquela data, foi permitido declará-los por escrito, a fim de ser transcrito nos livros das paróquias. Institui-se igualmente, o processo de mediação e adjudicação de áreas ocupadas a qual se denominou legitimidade de posses (COBRA, 1923, p. 11).

Segundo Cobra (1923):

O sertanejo tem gosto especial pelas grandes extensões de matas virgens onde, a cada ano agrícola roça, planta e faz colheita sem necessidade de carpir. Do segundo ano diante é que começa a sujar, isto é, no terreno segunda vez aproveitando, as plantas daninhas surgem ao lado do pé de milho, abafando-o, exibindo carpa, muito

rara e difícil. Muitos colhem somente a terça parte para empaiolar, deixando em pé o resto que destinam a engorda de porcos que soltam na área plantada e recolhem, no fim de três a quatro meses (COBRA, 1923, p. 196).

Na região norte do Estado de São Paulo, na qual o Município de Paulistânia está inserido, documentos oficiais relatam que:

Nas proximidades do Rio Preto, em 1852, Luiz Antônio da Silveira doou terras para a formação do patrimônio de São José onde, no mesmo ano, João Bernardino de Seixas Ribeiro construiu a primeira casa, coberta de "sapé", mais tarde substituída por telhas de barro. Os primeiros povoadores, procedentes de Minas Gerais, foram se instalando próximo à casa de João Bernardino e quando, em 1867, por aí passou o Visconde de Taunay, anotou que a povoação já possuía meia dúzia de palhoças e uma capela em construção. A evolução econômica da região foi marcada por um surto de progresso a partir de 1912, com a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Araraquarense, constituindo-se hoje centro de influência regional (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2012).

De acordo com informações disponibilizadas pelo INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2012), a história do atual Município de Paulistânia, SP se iniciou entre o final do século XIX e o início do século XX, quando Antônio Consalter Longo, fazendeiro de café considerado o fundador do local, doou uma área de sua fazenda para a formação do núcleo urbano que se chamou Vila Matão.

As primeiras famílias a se fixarem no local foram as de imigrantes portugueses, espanhóis e italianos. Posteriormente, quando foi elevada a distrito em território do município de Agudos, em 23 de outubro de 1934, recebeu nova denominação, passando a se chamar Bandeirantes, em homenagem aos pioneiros do desbravamento. Dez anos mais tarde, em 30

de novembro de 1944, sua denominação foi alterada para Paulistânia e, em 27 de dezembro de 1995, adquiriu autonomia política.

Com relação à formação administrativa:

O Distrito foi criado com a denominação de Bandeirantes, pelo decreto nº 6790, de 23-10-1934, subordinado ao município de Agudos. Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, o distrito de Bandeirantes, figura no município de Agudos. Pelo decreto-lei estadual nº 14334, de 30-11-1944, o distrito de Bandeirantes passou a denominar-se Paulistânia. Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o distrito de Paulistânia permanece no município de Agudos, assim permanecendo em divisão territorial datada de I-VI-1995. Foi elevado à categoria de município com a denominação de Paulistânia, pela lei estadual nº 9330, de 27-12-1995, desmembrando-se assim de Agudos. Em divisão territorial datada de 15-VII-1999, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2009 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2012).

Os sítios históricos, como o Sítio Santa Rosa, são representativos de Ciclos Regionais da Sociedade Nacional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram estudadas as estruturas de dois fornos de carvão, uma casa de madeira identificada como paiol de milho, um alicerce de olaria e materiais construtivos de habitação demolida. Foram encontrados vestígios em superfície e até 20 centímetros de profundidade. Em laboratório, foi analisada uma amostragem de telhas, tijolos, picotador e marreta.

Os vestígios do Sítio Santa Rosa mostram como o modo de vida foi modificado desde 1920.

A olaria, o plantio de milho para tratar dos animais e os atuais fornos de carvão mostram a trajetória de uma família que utilizou o espaço produzindo diferentes cenários.

6. REFERÊNCIAS

ANSCHUETZ, Kurt F., WILSHUSEN, Richard H. and SCHEICK, Cherie L. An Archaeology of Landscapes: Perspectives and Directions. **Journal of Archaeological Research**, vol. 9, nº 2, 2001, p. 157-211.

BICHO, N.F. **Manual de arqueologia pré-histórica**. Porto: edições 70. 2006.

BINFORD, L.R. **Em Busca do Passado: a decodificação do registro arqueológico**, 1983, Fórum da História, Publicações Europa-América, tradução de João Zilhão, p.304 páginas.

CAMPONOGARA, I. et al. **Exemplo de Utilização do Aplicativo Surfer 8.0 na Análise de Parâmetros Hidrodinâmicos Tendo como Área de Estudo Quaraí-BR e Urtigas-UY**. Disponível em: <<http://jararaca.ufsm.br/websites/labhidro/download/134.pdf>>. Acesso em: 8/08/2011.

COBRA, A. N. **Em um Recanto do Sertão Paulista**. São Paulo, 1923.

FACCIO, N. B. **Arqueologia Guarani na Área do Projeto Paranapanema: estudo dos sítios de Iepê, SP**. (Tese de livre-docência em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2011, 319 p.

MORAIS, J. L. Reflexões acerca da Arqueologia Preventiva. In: Victor Hugo Mori; Marise Campos de Souza; Rossano Lopes Bastos; Haroldo Gallo. (Org.). **Patrimônio Atualizando o Debate**. São Paulo: CONAP, 2006, v. 1, p. 191-220.

RIBEIRO, D. **Processo civilizatório: etapas da evolução sócio-cultural**, Edição brasileira (4^o a 10^o): Editora Vozes, Petrópolis, 1987.

SCHIFFER, M.B. **Archaeological Context and Systemic Context, In: American Antiquity**, Vol. 37, No. 2 (Apr., 1972), p. 156-165, Published by: Society for American Archaeology Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/278203> Accessed: 28/04/2010 11:50.

SILVA, F. **As Tecnologias e seus significados**: um estudo da cerâmica dos Assuriní do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica. São Paulo. USP. Tese de doutorado, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Histórico da Ocupação de Paulistânia**, SP. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidades/paulistania>. Acesso em 05/05/2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Histórico da Ocupação de São José do Rio Preto**, SP. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidades/saojosedoriopreto>. Acesso em 05/05/2012.